

Argumento

FRAGMENTOS - Prof^ª IZALTINA GOULART DE AZEVEDO

"A alegria mais alta da vida consiste em dedicar-se a alguma coisa nobre, a alguma idéia, a algum empreendimento que transcenda o êxito pessoal; algo maior que a própria vida, algo que vá além do mero existir".

Joseph Fort Newton

A escolha de minha profissão se manifestou em mim um pouco cedo, antes mesmo de minha adolescência.

Como a maioria das pessoas que escolheram a enfermagem, enfrentei os preconceitos da família contra a profissão, numa época em que os pais determinavam tudo; até o nosso destino. Assim esperei pacientemente para transpor as barreiras.

Fui professora primária em área rural e lá comecei a fazer enfermagem dos alunos e das famílias dos operários e camponeses quando necessário.

Vencidas as resistências da família vim para Belo Horizonte em 1947. e me matriculei na Escola de Enfermagem da Secretaria de Educação e Saúde, que hoje se chama Escola de Enfermagem da UFMG.

A Escola nada oferecia em relação ao futuro, e a profissão muito menos. Nem uma nem outra prometia segurança. Era um verdadeiro mergulho na escuridão.

Habituada aos desafios, resolvi esperar para ver onde iríamos parar. Não tive coragem bastante para confessar aos de minha família a minha decepção. Havia o Hospital, o paciente e os professores de medicina cujas aulas começavam a me fascinar.

Tomo a liberdade de mencionar aqui uns poucos fatos históricos apenas para esclarecer a nossa atuação nesta Escola.

1º - Antes da metade do curso que era de 3 anos intensivos, a diretora da Escola, prof^ª Waleska Paixão, por motivos de saúde decorrentes das dificuldades que a Escola enfrentava com número de professores reduzido, espaço físico, verbas escassas, renunciou à diretoria e se transferiu para a Escola Ana Néri. Isto motivou o início de um período de regressão para a Escola. A vice-diretora suspendeu por dois períodos as matrículas. Como éramos nós as alunas e professoras as responsáveis pelo ser viço de enfermagem, a carga se tornou pesada demais.

Um ano depois, o Departamento de Saúde se transformou em Secretaria e o Secretário foi o professor Baeta Viana da Faculdade de

Medicina., que pressionado pelo Diretório Acadêmico entregou a direção da Escola à Irmã Helena Maria Villac, que voltava de um curso de pós-graduação nos Estados Unidos .

O prof. Baeta Viana estava envolvido no processo de federalização da Faculdade de Medicina, fazendo parte de uma comissão que tratava dessa questão.

Esse processo, depois de aprovado pela Câmara dos Deputados , foi barrado no Senado por não ter uma Escola de Enfermagem anexa conforme exigia a legislação..

O prof. Baeta Viana tendo uma Escola de Enfermagem em suas mãos na Secretaria de Saúde que também não tinha verbas suficientes, não teve dúvidas. Mandou fazer uma emenda no processo de federalização da Faculdade de Medicina anexando a ela a Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

2º - Não constou da emenda nenhuma estrutura para a Escola no plano federal: nem verbas, nem quadro de pessoal, nem direitos nem obrigações; disso decorreu um período de angústias e incertezas para todos os que se empenharam na sobrevivência desta Escola.

3º - A Faculdade de Medicina lutava também com uma série de problemas decorrentes da Federalização tanto na expansão de seu espaço físico nas transformações curriculares e, especialmente, nos seus campos de estágio. Isto fez com que ela relegasse a 2º plano a Escola de Enfermagem.

Tendo deixado o Hospital da Prefeitura, começamos a tatear a tolerância do Hospital São Vicente.

Para amenizar as crises de desalento, fiz o vestibular para a Faculdade de Filosofia e a Escola facilitou os meus horários de trabalho.

O Estado continuou pagando os reduzidíssimos vencimentos sem nenhuma melhoria durante três anos, até que decidiu suspender de todo. Isto quase motivou o fechamento da Escola. Um ano sem vencimentos para professores e funcionários, os alunos da Faculdade de Medicina e Escola de Enfermagem entraram em greve, e uma das reivindicações foi que se definisse a situação da Escola de Enfermagem. A greve durou três meses.

Assim, depois de 5 anos de pelejas, foi mais ou menos regularizada a situação dos funcionários e das professoras enfermeiras que receberam a classificação de Instrutor de Ensino.

As pessoas que conviveram comigo, que partilharam das mesmas lutas no campo de trabalho, tanto na área da educação como na área de saúde, sempre me disseram da minha facilidade de falar diante de um auditório, de um grupo de alunos, devido talvez ao meu temperamento extrovertido. Chegaram até mesmo a me dizer que eu pensava com a ponta da língua, porque eu não acabava de pensar e já estava externando o pensamento. Isto logicamente não é uma qualidade, mas um grave defeito.

Ninguém, entretanto, pode adivinhar as dificuldades e o sofrimento que experimentei cada vez que tive que escrever um discurso, escrever alguma coisa para transmitir aos outros significava sofrer de amor e mesmo de paixão pelos assuntos que deveria abordar; tinha que arrancar do mais profundo do meu coração e do meu espírito as palavras que poderiam exprimir tais sentimentos.

Hoje sinto a maior de todas as dificuldades. Sinto-me confusa e atordoada ante a nobreza do gesto desta Escola, na pessoa de sua diretora, câmaras e do Conselho Departamental.

O título que a Escola acaba de me conferir me parece bem maior do que eu.

Ao ser notificada de que iria recebê-lo, comecei a me lembrar dos meus tempos da Faculdade de Filosofia. Foi o amor mais dolorido de minha vida. Sentia-me como na escuridão de um cárcere, de lá contemplando as estrelas. Estava certa de que jamais chegaria lá onde as emoções e a felicidade poderiam morar.

Terminado o meu curso, vi-me diante da opção entre a Escola de Enfermagem e um amor quase proibido, pelo meu tempo e outras limitações. A montanha era alta demais para as minhas forças.

A Escola de Enfermagem atravessava a sua fase mais difícil. Estava anexada à Faculdade de Medicina sem quadro de pessoal e as nossas forças morais estavam diante de um desafio - deixar que ela se fechasse por medo do futuro?

Três anos se passaram com uma guerra travada em nosso peito. Só me acalentava o fato de saber que aquilo que me dera a Faculdade de Filosofia me daria possibilidade de melhor relacionamento com a Faculdade de Medicina, com a Escola de Enfermagem, com o doente e especialmente com os estudantes. Joguei tudo que tinha de melhor no trabalho junto aos alunos para que tomassem consciência de que aquele projeto de Escola seria um dia uma unidade universitária se todos trabalhassem para isso.

E assim, entre os poucos momentos de entusiasmo e as crises de desalento, a esperança sempre voltava a brilhar: o aluno e o doente constituíam meus grandes objetivos; o doente amenizava as minhas dores que a saudade da Faculdade de Filosofia provocava. E os estudantes eram aqueles para os quais eu procurava abrir novos caminhos.

Traduziam pois um estímulo para a luta, um desafio e as armas que dispúnhamos para as nossas reivindicações.

A Faculdade de Medicina, com exceção daqueles professores que lecionavam na Escola estava longe de perceber o que representava a Enfermagem em nível universitário.

Não é nossa intenção lembrar os caminhos percorridos por esta Escola, o que já foi feito em seu cinquentenário, o que me obrigou a alongar demais a exposição, mas alguns fatos devem ser analisados.

1º - Os dezoito anos de Escola anexa foram duros e até mesmo amargos para esta Escola, pelas razões que seguem: não tínhamos residência, isto é, a Escola não possuía o seu prédio, o seu espaço físico. Sempre em casas alugadas. Não dispunha de material de ensino; não podia contratar funcionários, nem professores. Não conseguia bolsas para cursos de pós-graduação, que só existia nos Estados Unidos.

Não possuía a Escola nenhuma estrutura nem recursos que poderíamos usar para divulgar a profissão.

A Faculdade de Medicina com as verbas que vinham estabelecidas no orçamento...

DISCURSO DE PROFESSOR EMÉRITO

Dias róseas em nossa vida são aqueles em que encontramos pessoas que nos comovem tanto como um belo poema; pessoas cujo aperto de mão nos encham de inexprimível simpatia e cuja doce e rica natureza imprime em nosso espírito uma serenidade maravilhosa, que é divina em sua essência. Graças a elas, as perplexidades, as irritações e os pesares que nos absorvem passam como um sonho desagradável e despertamos para ver com novos olhos e ouvir com novos ouvidos a beleza e a harmonia deste mundo de Deus. As pequenezas de nossa existência florescem repentinamente em brilhantes possibilidades. Em uma palavra, quando tais amigos se encontram ao nosso lado sentimos que tudo vai bem.

As palavras de Helen Keller acordaram o meu coração e o meu espírito para que eu pudesse descobrir um caminho em minhas palavras de agradecimento. Devido talvez ao meu temperamento extrovertido, muitas vezes me foi dito da minha facilidade em exprimir meu pensamento. O fato de estarmos aqui para que eu receba esta homenagem tão maior do que eu, me deixa bastante confusa para exprimir meu pensamento, a minha gratidão, e todas as outras emoções que eu estou sentindo ante a nobreza desse gesto da minha querida Escola de Enfermagem. Escrever alguma coisa para transmitir aos outros significa sofrer emoções fortes, extravar todo amor que sentimos por alguma coisa, pessoas ou idéias que absorveram o nosso espírito, a nossa inteligência e o nosso coração. E, lembrando Joseph Fort Newton, quando diz que *"A alegria mais alta da vida consiste em dedicar-se a alguma coisa nobre, a alguma idéia, a algum empreendimento que transcenda o êxito pessoal; algo maior que a nossa própria vida; algo que vá além do mero existir"*.

Ouso confessar diante de todos que sempre senti a mão de Deus me segurando ou me empurrando para algum lugar. A Sua vontade foi sempre clara para mim nos momentos de tomar decisões.

Desde menina dei cuidados de enfermagem aos colonos da fazenda, aos meus alunos da escola primária e as suas famílias em uma área quase rural. Tive de vencer muitos obstáculos para convencer minha família, de que eu estudaria enfermagem.

Vim para Belo Horizonte, para esta Escola que nada oferecia em matéria de futuro para ninguém. Pelo contrário, era a pior profissão que alguém poderia escolher. Era quase um mergulho na escuridão. A escola como instituição não prometia nada. Não preciso dizer que as decepções foram imensas, mas não tive coragem de confessar a ninguém a minha

decepção. Havia o hospital e os pacientes dentro dele e os professores, a maioria da Faculdade de Medicina, cujas aulas eram excelentes. E isto me prendeu, embora as dificuldades constituíssem um sério desafio.

Já na metade do curso a diretora Waleska Paixão demitiu-se do cargo e aceitou o convite que lhe fizera a Escola Ana Néri e a Escola começou a regredir até a sua anexação à Escola de Medicina.

Como na época o número de enfermeiras era muito reduzido, os institutos de previdência começaram a absorver a maioria dos profissionais para os seus serviços de saúde e ninguém gostaria de assumir um trabalho em uma Escola que saíra do Estado e ainda não consolidara sua anexação à Faculdade de Medicina. Além disso, com a anexação, deixamos o campo de estágio do Hospital da Prefeitura e começamos a tatear a tolerância do Hospital São Vicente que constitui o Hospital das Clínicas no momento. E isso foi difícil.

Não pretendo desfiar nenhum rosário de padecimentos enfrentados, mas tão somente enumerar algumas dificuldades que impediram um progresso mais rápido de nossa Escola. A Faculdade de Medicina recém-federalizada enfrentava grandes dificuldades para expandir o seu próprio desenvolvimento do ensino. Por isso, a Escola sem estrutura, sem nenhuma diretora nomeada para o cargo, mas apenas cargo de confiança do Diretor da Faculdade de Medicina, entrou em estagnação. Não podiam ser nomeados professores nem funcionários. ~~Decidi enfrentar o vestibular da Faculdade de Filosofia que me fez descortinar novos horizontes.~~

Depois de cinco anos da data da anexação, foi mais ou menos regularizada a situação de professores e funcionários, dando às professoras a classificação de Instrutor de Ensino nível 19, o que foi dado também aos médicos contratados na época. Diante da incerteza do futuro da Escola, decidi enfrentar o vestibular da Faculdade de Filosofia, o que me fez descortinar novos horizontes.

Se por um lado a congregação da Faculdade parecia ignorar tanto o currículo como a maioria dos problemas da Escola de Enfermagem, os professores médicos tanto da área básica como os de fundamentação clínica em todas as disciplinas da área médica deram tudo o que havia de melhor para a formação da maioria das professoras que compunha o novo corpo docente.

Assim, consideramos muito válidas as experiências que vivemos.

A Escola possuía uma residência para as alunas e alguns professores que não constituíram patrimônio.

Quero, entretanto, deixar bem claro que isso não me move nenhum sentimento de vaidade; uma Escola não é representada por paredes de pedra e cal e nem mesmo por uma pessoa, mas por cabeças que pensam, pelo amor que se tem a uma causa e sobretudo pela determinação da vontade daqueles que fizeram uma escolha acertada na vida.

Esta Escola atravessou todos os seus vendavais porque havia aqui um grupo de professores e funcionários que acreditaram em Deus e tiveram esperança no futuro desta Escola.

A minha participação encontrou apoio, boa vontade e mesmo um certo heroísmo tanto de professores quanto de funcionários e muita confiança dos nossos alunos.

Dei as minhas aulas com muita seriedade tanto as de Enfermagem em Doenças Transmissíveis quanto as de Ética e História da Enfermagem e, depois, toda a Enfermagem Médica, quando convidei para a fundamentação clínica os professores mais sérios e mais competentes.

A Escola cresceu porque havia muitos valores aqui dentro e sobretudo quando se começou a injetar sangue novo em seu corpo docente.

Sempre acreditei na mocidade e jamais ocultei das minhas alunas os problemas que estávamos vivendo e procurei estimulá-las na luta pela nossa Escola, infundindo-lhes coragem e esperança, frisando sempre que era importante lutar pela saúde de nosso povo.

Sei que lutei pela Escola tanto quanto outras também o fizeram, mas pelo hábito que tive de cumprir o meu dever ante às responsabilidades assumidas. E por ter cumprido o meu dever não creio merecer a honra que acabo de receber.

Aceito esse título como prova de vossa amizade e porque dei a esta Escola tudo o que havia de melhor em meu coração.

Quando já estava preparando a minha aposentadoria, fui novamente convidada para dirigir a Escola em caráter pró-tempore até a eleição do próximo reitor. Foi nova oportunidade que tive de ajudar a Escola em situação bastante melindrosa.

Toda a recompensa que sempre desejei foi ver a Escola como ela está hoje, com número de professores e funcionários que permite o seu funcionamento sem os problemas do passado.

Vejo os professores podendo realizar-se na carreira universitária, em cursos de mestrado e doutorado, para que esta Escola possa em futuro próximo organizar os seus próprios cursos de pós-graduação.

O que espero do futuro desta Escola, e que já está sendo iniciado, é a sua participação efetiva nos programas de cuidados primários de saúde.

Esses programas, segundo afirma o prof. Mário Chaves em seu livro *Saúde - uma estratégia de mudança*, refletem as condições sociais,

econômicas e políticas e resultam delas; são baseados em resultados de pesquisas sociais, biomédicas e de serviços de saúde; são dirigidos aos principais problemas de saúde da comunidade, visando a promoção da saúde, prevenção da doença, cura e reabilitação; envolvem setores correlatos como a educação, agricultura, habitação, alimentação, indústria, transportes, comunicações; requerem a participação do indivíduo e da comunidade; são apoiados por sistemas de referência aos demais níveis do sistema de saúde de vários níveis, abrangendo profissionais, auxiliares e mesmo pessoal empírico, trabalhando em equipe.

Quanto ao conteúdo, os cuidados primários de saúde incluem como mínimo: a educação sobre a prevenção e controle dos problemas de saúde, a promoção de nutrição adequada, o atendimento das necessidades de água e saneamento, os cuidados de saúde materno-infantil incluindo o planejamento familiar, as imunizações, a prevenção e o controle das grandes endemias, o tratamento apropriado das doenças mais comuns, a promoção da saúde mental e a provisão de medicamentos essenciais.

Para a implementação dos programas de cuidados primários de saúde se requerem esforços articulados dos governos, das universidades e institutos de pesquisa, dos indivíduos e a colaboração de organizações internacionais.

Citei isto que estou certa ser do conhecimento de todos os presentes apenas para dizer que é o programa mais fascinante no qual um profissional poderia investir todos os seus recursos morais e intelectuais.

Há 2 anos ^{o ano o outro} tive a felicidade de participar de um encontro do Internato Rural da Faculdade de Medicina. Professores, coordenadores, supervisores e alunos; e vi a perfeita integração de professores e estudantes com o povo das diversas comunidades, áreas de atuação do trabalho que vem sendo realizado; gente da universidade misturada com gente, povo sofrido e carente precisando de ajuda.